

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

A CNBB REPRESENTA A IGREJA E OS ANSEIOS DO POVO

Contam os Atos dos Apóstolos: quando o Espírito de Deus desceu sobre a Igreja, reunida em Jerusalém, os apóstolos abriram as portas do Cenáculo, perderam o medo, descobriram que não se pode viver o Evangelho trancados numa casa e foram tomados profundamente pelo direito e a necessidade de levar a proposta evangélica portas afora, a fim de oferecê-la à vida dos homens. Isso aconteceu no primeiro Pentecostes.

Podemos dizer, de certa forma, que a visita do Papa foi um novo Pentecostes, abrindo portas, quebrando barreiras, diluindo separações, reunindo o grande povão de Deus, acordando em todos, católicos ou não, a necessidade e o direito, como também a alegria, de participar, com pacífica firmeza, na construção de uma sociedade mais parecida com as propostas d'Aquele que o Papa representa. Esse prelúdio momentâneo de alegria foi passageiro. Mas um dia tornar-se-á realidade permanente, na convivência da sociedade brasileira.

A visita do Santo Padre foi, de fato, um sopro do Espírito livre de Deus, acordando, na alma brasileira, todas as coisas boas que ela possui, reprimidas e, durante tanto tempo, impossibilitadas de se manifestar. Foram, com certeza, sentimentos assim que ocuparam a alma do cristão Antônio de Godoy Sobrinho, professor presbiteriano em Londrina; foi isso, com palavras mais ricas, que ele expressou, em magistral artigo no *Jornal do Brasil* (30-7-1980), do qual fazemos questão de transcrever, hoje e na *Folha* seguinte, alguns trechos:

"Não resta a menor dúvida de que a visita de João Paulo II varreu, como um tufão impetuoso, a igreja brasileira,

obrigando-a a abrir todas as suas janelas para os novos ventos do livre compromisso cristão com as nossas realidades. Praticamente não houve setor que não fosse ferido pelo seu bordão de pastor.

O problema da terra do índio, da juventude, do trabalho, do capital, da política, da economia, da cultura, da sociedade, da ecologia, da comunhão e da obediência cristã, tudo foi repassado por uma teologia realmente evangélica e transformadora, que a muitos pode ter levado um pouco de susto e de surpresa. Um grupo pequeno de protestantes brasileiros já vinha, há algum tempo, debatendo tais problemas, porém faltava-lhe a força de colegiado; para que a discussão pudesse ser levada avante, faltava-lhe a força do centro, pois a periferia protestante ainda se mostra hostil e arredia a esses problemas, por força das malévolas influências do seu puritanismo e moralismo religioso.

Por outro lado, a envergadura do incomparável e inaudito espetáculo de um séquito de milhões de fiéis acorrendo à convocação da palavra do Papa comprovou que a Igreja Católica brasileira conseguiu, com esta maratona popular sem par na história da evangelização de nossa pátria, mobilizar e articular esta imensa periferia que lhe escapava ao alcance.

Nós, protestantes, que sentíamos que a Igreja Católica brasileira havia perdido os intelectuais e as massas, temos, daqui para a frente, que meditar bastante sobre este agigantamento inquestionável da influência da CNBB que, no seu caudal, está arrastando os segmentos mais lúcidos da nossa sociedade".

IMAGEM DISSENTIVA

1. Cenário: Veneza. Mais precisamente a Bienal de Veneza de 1977. Passou? Águas passadas. Passou como fato histórico, mas não passou como sintoma de um mundo cão que parece afundar-se cada vez mais, cada vez mais desumano, cada vez mais irrespirável. Mas também não passou como sintoma de esperança e dignidade. Presidente da Bienal era o socialista Ripa de Meana que, lutando contra todos os tabus e todas as pressões, organizou em Veneza também uma Bienal da Dissensão. Dissensão de quê, honrado cavalheiro?

2. Ripa de Meana sorri orgulhoso, fiel ao idealismo de um mundo melhor, disposto a desmascarar hipocrisias, venham de onde vierem. E aponta milhares e milhares de objetos vindos do mundo fechado que a Rússia fechou. Aí estão dois mil e quinhentos documentos do «samisdat», a pujante publicidade subterrânea que circula de mão em mão, protesto dos oprimidos, literatura de escritores malditos, cantos e músicas de artistas excomungados — todo um submundo de valores e direitos humanos que a prepotência esmaga e tenta destruir.

3. Ripa de Meana convidou Sacharow, o prêmio Nobel de Física, que caiu em desgraça. Sacharow não pode vir. A prepotência, num requinte de deboche, prende o convite da Bienal que Sacharow nunca recebeu. E remete-o de volta a Ripa de Meana com o aviso: «destinatário desconhecido», explicação que ofende o cientista e ofende o mundo inteiro. Por que este medo covarde? Onde fica a força de encorajados, de bombardeiros, de tanques e metralhas? Todas as tiranias se parecem. Todas tremem diante da palavra fraca e despojada. Todas. (A. H.)

DO REINO E SUA JUSTIÇA

A FOLHA PEDE COMPREENSÃO...

• Gostaríamos de servir sempre melhor os nossos leitores e amigos, sem qualquer perturbação. Mas o aumento de custo não respeita a Editora Vozes nem respeita as boas intenções de *A Folha*.

• *A Folha* não dá lucro nem procura lucro. Os leitores já sabem que o papel tem sido presente de irmãos nossos de outros países. Cabe-nos assumir a responsabilidade pela impressão, embalagem, porte e mão-de-obra. Como tudo aumentou, nosso jornal tem de aumentar também um pouco, para sobreviver.

• O aumento do preço do papel foi de 300%. Da mão-de-obra perto de 90%. Aumentou o porte. Tudo aumentou. Fizemos as contas, apertando o mais possível, para não pesar demais. Transferimos para nossos assinantes apenas o que não podemos sozinhos assumir. Por isso para o ano de 1981 o preço da *Folha* sofrerá um acréscimo de cerca de 67% em média.

• Com o nº 457, correspondente ao dia 1º de janeiro de 1981, os preços de *A Folha* seguem esta tabela:

desde	5 exemplares	Cr\$ 2,50 por uni.
" 20	"	" 1,50 "
" 100	"	" 1,00 "
" 500	"	" 0,90 "
" 1.000	"	" 0,80 "

• Haverá os descontos tradicionais. Brevemente os assinantes receberão a lista de preços e de descontos, com os avisos de costume. Lembramos que para *A Folha* os novos preços estão vigorando desde o mês de julho, mas com ajuda de amigos vamos quebrando o galho até o mês de janeiro. Aí vocês começam a colaborar, certo? Contamos com sua compreensão e com sua fidelidade à boa causa. *A Folha* continua preenchendo seu objetivo de uma liturgia transbordante que enriquece e forma a vida e de uma vida que enriquece a ação litúrgica.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



**Somos Povo de Deus peregrino
/ com Jesus caminhamos ao Pai.**

1. Vinde, irmãos, com alegria,
celebrar o Deus da Vida / e cantar os
seus louvores, como Igreja reunida.

2. Nós formamos o teu povo, que é santo
e pecador. / Cria em nós corações novos
/ transformados pelo Amor.

3. Reunistes, num só povo, emigrantes,
nordestinos, / estrangeiros e nativos:
Somos todos peregrinos.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do
Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, que o próprio nosso Senhor
Jesus Cristo e Deus, nosso Pai, que nos
amou e nos concedeu, por sua graça,
eterna e feliz esperança, console os co-
rações de vocês e os confirme em toda
a obra e palavra boa.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no
amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Celebramos o último domingo do ano
litúrgico. Como a cada ano, a Igreja
medita as profecias finais. A primeira
parte já se cumpriu: o templo foi des-
truído, esfacelou-se a religião organiza-
da e a grande segurança virou desilu-
são. O povo dispersou-se e os profetas
foram caçados como inimigos públicos.
Não deixa de ser bela imagem para o
que está acontecendo com a Igreja, neste
nosso tempo de transformações e de
busca de um Deus que não seja cativo
de grupos, mas encontrado e adorado
"em espírito e verdade". Um Deus que
seja resposta verdadeira aos problemas
reais do mundo. Como na profecia, tam-
bém hoje está passando o templo, sím-
bolo da segurança e da Igreja como bu-
rocracia de salvação. Quebrou-se a uni-
formidade imposta ao rebanho. Pululam
as mais variadas e contraditórias pro-
clamações em nome de Deus, oferecendo
de volta a segurança perdida. E os pro-
fetas, hoje como ontem: acusados, per-
seguidos e entregues, porque insistem na
fidelidade à libertação que contaria in-
teresses. Quem perseverar verá a rea-
lização da segunda profecia: os maus
se consumirão como lixo e, sobre os
bons, levantar-se-á o Sol da justiça.
Paulo nos consola, lembrando que nosso
humilde trabalho é caminho querido por
Deus de ganharmos o sustento e santi-
ficarmos nossa vida.

4 CELEBRAÇÃO DO PERDÃO
DE DEUS

S. (Exortação à penitência, de acordo
com o sentido da missa. Pausa para re-
visão de vida). Confessemos os nossos
pecados:

C. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

P. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

C. O povo tem fome e sede. Cristo disse:
quem tiver fome e sede venha a mim que
eu o saciarei. Senhor, assim como destes
o maná ao povo no deserto, saciai nossa
fome de justiça, de liberdade, de possuir
um lar, uma terra onde morar, uma co-
munidade onde participar. Por isso vos
suplicamos:

P. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

C. Na Eucaristia, anunciamos a morte
do Cristo. Senhor Jesus, vós estais des-
figurado na imagem do homem sofrido
de hoje. Proclamamos sua ressurreição,
na esperança que reside em seu coração.
Conduzi nosso povo migrante para a res-
surreição de uma vida nova. Por isso
vos suplicamos:

P. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

C. Senhor Jesus, vós dissestes: "O pão
que hei de dar é a minha carne para
a vida do mundo". Que o povo e os
governantes procurem em vosso Evange-
lio os critérios para a solução dos pro-
blemas mundiais e nacionais. Por isso
vos suplicamos:

P. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

C. Ao povo que caminha no deserto Deus
promete o pão. "Eu vou fazer chover
pão do alto do céu". Senhor Jesus, con-
cedei que saibamos acolher, com amor,
os irmãos que vêm de outras terras; e
repartir, com justiça, para que todos
possam ter casa, pão e vida digna. Por
isso vos suplicamos:

P. Ouvi-nos, Senhor Jesus Libertador!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão
de nós, perdoe os nossos pecados e nos
conduza à vida eterna. P. Amém.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES
DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele
amados. / Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso: / nós vos lou-
vamos / nós vos bendizemos / nós vos
adoramos / nós vos glorificamos / nós vos
damos graças por vossa imensa glória. /
Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, /
Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de
Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do
mundo / tende piedade de nós. / Vós
que tirais o pecado do mundo / acolhei
a nossa súplica. / Vós que estais à di-
reita do Pai / tende piedade de nós. /
Só vós sois o Santo / só vós o Senhor /
só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com
o Espírito Santo na glória de Deus Pai.
Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Senhor nosso Deus, fazei que
nossa alegria consista em vos servir de
todo coração, pois só teremos felicidade
completa servindo a vós, Criador de
todas as coisas. Por nosso Senhor Jesus
Cristo, vosso Filho, na unidade do Espí-
rito Santo. P. Amém.

LITURGIÁ DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. A 1ª leitura é tirada do Pro-
feta Malaquias (4,1-2a). Dentro
de si, na consciência, os maus
terminam queimados pela irrealização
de sua humanidade; além disso, a pro-
fecia refere-se a realidades finais que
vão acontecer.

L. Leitura do Livro do Profeta
Malaquias: «Eis que vem um dia
ardente como fornalha. Todos os
orgulhosos, todos os que praticam
a maldade serão como palha. Este
dia que vai vir os queimar, diz o
Senhor dos exércitos, e nada fica-

rá: nem a raiz nem os ramos. Mas
sobre vocês, que temem o meu no-
me, levantar-se-á o Sol da justiça,
que traz a salvação em seus raios».
— Palavra do Senhor. P. Graças a
Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

**Vinde abrir os corações para ouvir vossa
Palavra / que dá força no caminho,
ilumina nossa vida.**

1. Indicai-nos, Senhor, vossos caminhos
/ e conosco ficai na caminhada! /
Ensinai-nos e guiai-nos na verdade: /
Sois o Deus que nos salva e nos conduz.
2. O Senhor é ternura e compaixão /
Ele mostra o caminho aos pecadores. /
Ele guia os humildes na justiça / e
dirige os seus pobres no caminho.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2ª leitura é tirada da segunda
Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
(3,7-12). São Paulo fala no trabalho
humilde de manutenção da vida; nosso
trabalho pode parecer prosaico, mas é
caminho pessoal de santificação.

L. Leitura da segunda Carta de
São Paulo aos Tessalonicenses:
«Irmãos, vocês sabem de que for-
ma devem imitar-nos: trabalhamos,
enquanto estivemos no meio de
vocês. Não pedimos a ninguém um
pão que não houvéssemos ganho;
pelo contrário, trabalhamos dura-
mente de dia e de noite e nos can-
samos, para não servirmos de car-
ga a nenhum de vocês. Natural-
mente, tínhamos o direito de agir
de outra forma, mas quisemos ser,
no meio de vocês, modelo que vocês
imitassem. Além disso, quando esti-
vemos aí, lhes demos esta regra:
se alguém não quer trabalhar, que
não coma! Agora escutamos que,
entre vocês, há alguns levando a
vida na ociosidade, ocupados so-
mente com coisas fúteis. A estes
mandamos e pedimos, por Cristo
Jesus, nosso Senhor: trabalhem co-
mo os outros, para ganhar a vida».
— Palavra do Senhor. P. Graças
a Deus.

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO
AO EVANGELHO

**Salve, Cristo peregrino, nosso
Pão e nossa Vida! / Vem guiar
teu Povo em marcha para a
Terra Prometida!**

1. Acolhamos com louvores a Palavra de
Jesus: / Boa-Nova para os pobres, nossa
Vida e nossa Luz.

2. Ó meu povo, aonde vais? Ouve a voz
do teu Senhor: / É Jesus quem vai
falar, teu Caminho salvador.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3ª leitura é tirada do Evangelho
de Lucas (21,5-19). Como outros trechos
do Evangelho, o de hoje mostra que ser
discípulo de Cristo não é garantir segu-

rança pessoal, mas perdê-la, arrojando-se às metas do Reino de Deus.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Alguns chamaram a atenção de Jesus para as belas pedras e os ricos adornos que tinham sido doados ao templo. Jesus falou: «Chegará o tempo em que, de tudo o que vocês admiram aqui, não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído». Perguntaram-lhe então: «Qual será o sinal de que isso vai acontecer?» Jesus respondeu: «Tenham o cuidado de não deixar-se enganar, porque muitos virão em meu nome, dizendo: «Eu sou o Salvador e esta é a hora de Deus». Não os sigam. Quando vocês ouvirem falar de guerras e revoluções, não se assustem: primeiro tem que acontecer tudo isso, mas o fim não virá logo em seguida». Depois lhes disse: «Levantar-se-á nação contra nação e raça contra raça. Haverá grandes terremotos, pestes e fome numa parte ou noutra. Ver-se-ão também coisas horríveis e sinais aterradores no céu. Mas, antes disso, porão as mãos em vocês e os perseguirão. Entregarão vocês aos tribunais e os jogarão nos cárceres. Farão vocês comparecer diante dos reis e dos governadores, por causa do meu nome. Esta será, para vocês, a oportunidade de darem testemunho de mim. Não se esqueçam então do que agora advirto: não preparem defesa, porque eu mesmo lhes darei palavras tão sábias que nenhum de seus opositores será capaz de resistir ou contradizer. Vocês serão denunciados por seus pais, irmãos, parentes e amigos; e muitos de vocês serão executados. Acabarão sendo odiados por todos, por causa de meu nome. No entanto, não se perderá nem um só de seus cabelos. Fiquem firmes, porque assim se salvarão». — Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra...

14 INTENÇÕES DA COMUNIDADE

S. A reflexão sobre o fim inevitável das coisas materiais é motivação para lutarmos pelos bens do Reino de Deus. Por isso, apresentemos a Deus nossas orações, a fim de que Ele nos ajude a vencer o egoísmo que emperra os caminhos da justiça.

L1. Pelo Povo de Deus, a fim de que ele seja, no mundo egoísta e violento, a presença do amor fraterno e o sinal da esperança nos bens definitivos, rezemos ao Senhor.

L2. Para que o povo de Deus tenha o coração aberto e atraia para si todas as pessoas de boa vontade, que estão sofrendo e lutando por um mundo mais humano, rezemos ao Senhor.

L3. Para que a esperança nos bens de Deus não aliene os cristãos, mas os torne desapegados de si e preocupados com um mundo melhor, rezemos ao Senhor.

L4. Para que, com nosso exemplo e nosso esforço pastoral, sejamos capazes de convencer o mundo que Cristo é o sentido da vida e que o Evangelho é a base da organização social, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, que nos destes o presente maior em vosso Filho Jesus, dai-nos agora o entendimento para vermos que, longe de Cristo, nossa vida perderá a direção e, sem Ele, seremos incapazes de organizar nosso mundo dentro da justiça e do amor fraterno. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Bendito sejas, Senhor Deus, pelo Vinho e pelo Pão: / vão tornar-se no caminho / alimento e salvação.

1. Ó Senhor, neste altar colocamos / com ofertas de pão e de vinho / alegria, esperança e angústia / que são partes de nossa caminhada.

2. Mesmo quando forçado a partir / e deixar sua terra natal / este povo caminha contigo / e confia na tua promessa.

3. Se os estranhos nos vêm perguntar: / "Povo errante, pra onde tu vais?" / Nós dizemos: "Com Deus caminhamos / para o amor, a verdade e a paz".

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Oremos: Senhor nosso Deus, as ofertas que colocamos ante o altar sejam prova de nossa generosidade, transformem-se no alimento espiritual e dêem a força de vos servirmos melhor, para merecermos as vossas promessas. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.



P. Salvador do mundo, salvai-nos, / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO



«Eis meu Corpo, tomai e comei!» / Ele é Pão para o povo a caminho: / Comei todos e ao Pai bendizei!

1. Nós te damos muitas graças / ó Deus vivo, Deus perdão / que nos dá o Pão da Vida / Jesus Cristo, nosso Irmão.

2. O teu povo no deserto / saciaste com maná / mas a nós, teu novo povo, / é teu Filho que se dá.

3. Ele é o Pão de quem caminha / pelas trilhas do deserto / para a Terra que nos deste / Terra nova, já bem perto.

4. E se a terra em que pisamos / fica seca e dá espinhos / a Água viva que nos deste / nos dá forças no caminho.

5. Vês que os fortes deste mundo / multiplicam seus rebanhos / expulsando teus pequenos / para a terra e o mundo estranhos.

6. Mas tu vens à nossa frente / para nós és Guia e Luz / e nos dá o Pão da Vida / Pão dos fortes, teu Jesus.

20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Senhor Deus, em espírito de família, recebemos vossa Palavra e o Corpo e Sangue do vosso Filho; esta eucaristia, que celebramos em sua memória, dê a força para mais uma semana de trabalho e para vivermos a caridade em nosso relacionamento com o próximo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Afirmações das leituras de hoje parecem menos previsão profética do que descrição do que já está acontecendo: «Entregarão vocês aos tribunais e os jogarão nos cárceres. Farão vocês comparecer diante das autoridades, por causa do meu nome. Vocês serão denunciados até por parentes e amigos, e muitos de vocês serão condenados. Vocês acabarão sendo odiados por todos, por causa do meu nome». O Evangelho sempre foi esse. A vida dos heróis do Evangelho sempre foi assim. E nós acabamos transformando este Evangelho másculo em banho-maria das nossas garantias pessoais. Pior ainda: fizemos, do Evangelho inquietador e transformador, um papelório assinado por Deus, para garantir a obediência do povo à ordem social, construída em cima de tranqüilas injustiças. Talvez esteja na hora de acordarmos da mentalidade infantil diante da fé, esfregarmos os olhos e descobrirmos que uma obra está esperando por nós: a grande obra do Reino de Deus, de sua justiça e do seu amor.

22 CANTO FINAL

23 BENÇÃO FINAL

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Ap 1,1-4; 2,1-5a; Lc 18, 35-43 / Terça-feira: Ap 3,1-6.14-22; Lc 19,1-10 / Quarta-feira: Ap 4,1-11; Lc 19,11-28 / Quinta-feira: Ap 5,1-10; Lc 19,41-44 / Sexta-feira: Ap 10,8-11; Lc 19,45-48 / Sábado: Ap 11,4-12; Lc 20,27-40 / Domingo: 2Sm 5,1-3; Cl 1,12-20; Lc 23,35-43.

A DIOCESE DE NOVA IGUAÇU É UMA IGREJA VELHA

Tão nova sob certos aspectos quanto velha e exausta sob outros. Não tem, por exemplo, os sacerdotes de que necessita e deve importá-los de outros países e dioceses. Muitos batizados pela Igreja Católica, por falta de atendimento religioso, nunca descobriram, na Igreja, o Evangelho. Evadem-se para as seitas e terreiros, onde encontram orientação para sua disponibilidade religiosa. Enquanto os protestantes têm, na área da Diocese, 670 templos e lugares de culto e os umbandistas milhares de terreiros legais e clandestinos, os católicos contam apenas com 209 igrejas ou capelas. Há padres que demonstram falta de entusiasmo em repetir certas práticas tradicionais. Necessitam estar presentes nos bairros novos e não têm recursos para construir novos lugares de culto e reunião. Carecem de contribuição econômica e devem procurá-la no exterior.

Pesquisa realizada a pedido da Diocese chegou à conclusão de que a imagem dela como organização global é ainda estática. Justapõe-se a uma realidade dinâmica, sem conseguir maior integração. Continua muito parada no meio de uma população móvel, desvinculada dos interesses da área, voltada em grande parte para procurar fora a satisfação de suas necessidades primárias.

A figura do padre, contra sua vontade, é a daquele que manda e dirige. Os organismos, associações e movimentos ainda estão tolhidos por esquemas e quadros conceituais pouco dinâmicos. Conflitos e tensões de dioceses e paróquias antigas também se manifestam aqui: fiéis que discordam de cursos para batismo e casamento e recusam os sacramentos. Conflitos entre o novo e o velho: padre "prafrentex" e padre conservador, fitas, procissões e bênçãos diver-

sas que parecem mais importantes que o novo texto da missa e os cursos de conscientização.

Peso de certas normas oficiais distantes da vida, peso dos organismos de coordenação diocesana ou regional, que nem sempre têm a leveza do impulso carismático. A mentalidade continua ainda bastante clerical, apesar de todos os esforços. Só há encontros e reuniões quando o padre está presente; mas, como o número de padres é reduzido, os encontros e reuniões ficam limitados. (*Plano Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu*).

Sugestões para os Grupos: 1. O que, na Diocese, ainda devia mudar? 2. Enumere algumas coisas que julga velhas e ultrapassadas, e diga por quê. 3. Por que alguns resistem tanto à mudança? 4. Como devem ser feitas as inovações, para serem proveitosas e evitarem as divisões?

OS GRANDES E OS PEQUENOS

C. Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, Ed. Vozes)

Maria, moça humilde de uma cidadezinha do interior da Palestina, é saudada até hoje por milhões de pessoas. O povo todo a venera e invoca. Ela mesma o previu e disse a Isabel: "De hoje em diante, todas as nações vão chamar-me de bem-aventurada!" (Lc 1,48). Como se explica isso? Tem explicação?

A pergunta não é tão boba como poderia parecer. Veja! Quando o anjo visitou Maria, estas nações todas de que ela falava a Isabel estavam sendo governadas por Augusto, Imperador de Roma, dono do mundo. Augusto não ficou sabendo nada daquelas visitas do anjo a Maria e de Maria a Isabel, nem foi consultado, embora se tratasse de um assunto muito importante que dizia respeito ao destino dessas nações.

É que Deus não pede licença aos donos do mundo para poder falar aos pequenos e humildes. Aliás, quase ninguém ficou sabendo. Deus não faz propaganda das coisas que realiza. Se, naquele dia, alguém tivesse avisado ao Imperador: "Senhor Imperador, lá na Palestina, uma jovem acaba de ter a visita de um anjo. É bom o senhor tomar providências, pois a coisa parece muito séria. Esta jovem anunciou que vai ser proclamada bem-aventurada por todas as nações do mundo! Disse ainda que os poderosos vão ser derrubados dos seus tronos (cf. Lc 1,52)"

Qual teria sido a resposta do Imperador? Talvez dissesse: "Por favor, não seja ridículo! Anjo e menina-moça não são ameaça para mim e para o meu trono! É a mim que as nações do mundo estão chamando de bem-aventurado! O meu trono está bem firme. Não se preocupe! Tenho inimigos mais sérios a combater!"

No entanto, a jovem de Nazaré teve razão! Muitos anos depois, o trono de Augusto caiu de podre e, no lugar onde estava o templo da deusa de Roma, surgiu uma igreja em honra de Santa Maria da Vitória! Como se explica isso? Tem explicação? ...

MINISTÉRIO DA PALAVRA

MITO E REALIDADE

A Folha: Se o senhor comparar o relacionamento do Povo com o padre hoje e antigamente, acha que melhorou ou piorou a situação?

Dom Adriano: A imagem do padre está intimamente ligada com a imagem da Igreja. Sem cometer injustiça para com a Igreja e o clero de trinta anos atrás — afinal todos somos de um modo ou de outro filhos de nosso tempo —, acho que antigamente estávamos por demais distantes e isolados das pessoas, dos fatos, da vida concreta. Havia uma tendência muito forte para mitizar a ação da Igreja e por isso também a ação, a presença, a vida, a missão do padre. Acho que a situação mudou e mudou para melhor. Na sua essência a Igreja continua hoje a mesma como ontem e sempre. No essencial do seu ministério o padre também será sempre o mesmo. Mas na vida de cada dia o que percebemos não é a essência, mas a existência, isto é: a maneira concreta de pensar, de falar, de agir, de participar, de sentir, de inserir-se na realidade; o que normalmente se percebe, não são as intenções profundas mas as ações concretas. Permanecendo a mesma, conservando-se inteiramente comprometida com Jesus Cristo e com o Evangelho, a Igreja por uma graça muito particular do Espírito Santo — por muitas vozes proféticas e afinal pelo próprio Concílio Vaticano II — debruçou-se sobre o mundo moderno, em todos os seus aspectos, e debruçou-se sobre si mesma, numa feliz ansiedade de ser inteiramente fiel a seu fundador e mestre. Eu tive a alegria de participar do Concílio e posso recordar a disponibilidade dos padres conciliares, presididos pelo Papa, para auscultar na oração, no trabalho, no sofrimento as inspirações do Espírito e os sinais dos tempos. Os numerosos documentos conciliares e sobretudo o que temos vivido na Igreja depois do Concílio são maravilhas de Deus que estão à nossa mão e diante dos nossos olhos. Mudou muito o comportamento da Igreja e por isso mesmo mudou muito

(vai mudando muito) o comportamento do padre. E aqui descobrimos com alegria que o padre se sente muito mais integrado no mistério da Igreja e muito mais identificado com a comunidade. A situação, creio eu, melhorou. E quem o diz é alguém que começou o ministério sacerdotal em 1942, vinte anos antes do Concílio, e o exerce (agora já como bispo) quinze anos depois do Vaticano II. A situação melhorou.

A Folha: O senhor lembrou que havia antes uma tendência muito forte para mitizar a Igreja e também a pessoa do padre. O senhor teria alguns exemplos concretos que ilustrassem sua opinião?

Dom Adriano: Devo advertir que o fenômeno penoso da mitização não atingia nem podia atingir a Igreja ou o sacerdócio na sua essência. Atingia sim aspectos concretos, no dia-a-dia. Quem relê algumas Apologéticas de antigamente descobre que a intenção predominante era defender a Igreja de toda imperfeição humana. Intenção boa, mas comprometedora, pois feria muitas vezes a verdade e desconhecia a face humana — imperfeita, pecadora — da Igreja. Uma mitização da Igreja incluía a mitização do padre. Certos livros ascéticos de outrora insistiam unilateralmente na perfeição do estado clerical, mitizando as mãos, os olhos, o coração, a vontade, a intensão do padre, exigindo dele uma espiritualidade angélica e uma perfeição acabada que terminava isolando-o dentro da comunidade e no mais profundo do seu ser humano. Com isto se esquecia aquela observação profunda da epístola aos Hebreus (5,3): "Ele sabe compadecer-se dos que ignoram e erram, porque também ele está cercado de fraqueza". Uma reflexão mais profunda sobre o mistério da Igreja trouxe uma outra visão do sacerdócio e também da pessoa do padre: o padre é membro do Povo de Deus, o padre sente também fome e sede de justiça, o padre é alguém que se faz pecador por amor dos irmãos (como Jesus Cristo), o padre precisa da graça de Deus e da oração.